

Efervescência e Solidariedade no mundo contemporâneo: uma atualização da teoria durkheimiana¹

Raquel Weiss²

Um dos objetivos centrais da pesquisa que venho desenvolvendo consiste em pensar na possibilidade de atualização da teoria durkheimiana, mais especificamente, de sua teoria expressa no livro *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Por isso, escolhi tratar de um tema que me parece particularmente relevante para cumprir com este propósito, e isso de uma dupla maneira. Primeiramente, porque se trata de uma ideia que possui um caráter heurístico importante, na medida em que consiste em um conceito importante para compreender diversas dimensões da vida social em geral. Em segundo lugar, porque nos ajuda a compreender certas configurações específicas do mundo contemporâneo, sobretudo no que se refere à dimensão propriamente moral da vida, que, como Durkheim mesmo já ressaltou, muitas vezes coincide com a própria vida religiosa, na medida em que esta é portadora daquela.

Trata-se da ideia de EFERVESCÊNCIA. Durante os últimos anos, diversos autores, inclusive muitos dos que estão aqui presentes, ressaltaram a centralidade desse elemento como uma das contribuições mais importantes de *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Aliás, o próprio autor destacou isso quando participou dos debates que se seguiram à publicação do livro, afirmando, por exemplo, que os seus leitores não haviam percebido qual seria o argumento central do seu livro, qual seja, a afirmação de que a principal característica da religião é sua virtude dinamogênica. Aliás, como procurei mostrar em outras ocasiões, o conceito de dinamogenia, cunhado no contexto da fisiologia, fazia parte do vocabulário intelectual da época, e significa, *ipsis litteris*, um aumento do tônus vital gerado por uma superexcitação do funcionamento dos órgãos. Trata-se, portanto, de uma outra forma de expressar o que acontece nos momentos de efervescência.

Apesar de muito já ter sido dito sobre esse fenômeno tão central, creio que seja necessário recolher elementos que nos permitam ter uma visão mais consistente de como Durkheim concebia e definia a efervescência. Esse será o meu primeiro passo, tentar encontrar argumentos que permitam reconstruir o que é a efervescência de um ponto de vista durkheimiano. Além disso, quero defender o argumento de que a efervescência não é uma coisa só. Nesse sentido, talvez fosse até mesmo possível falar de efervescências. Ou seja, proponho pontuar as múltiplas formas possíveis de efervescência, que podem ter diferentes origens, podem desempenhar diferentes papéis e ter diversas implicações para o indivíduo e para a própria vida coletiva. O movimento final da apresentação consistirá em uma tentativa de estabelecer uma conexão entre a efervescência, o sagrado e os ideais morais, com o intuito de compreender o mundo contemporâneo, apontando de que modo isso nos ajuda a perceber as formas que a solidariedade tem assumido mais recentemente, que não é nem apenas mecânica, nem apenas orgânica.

Definições

Assim como no caso da dinamogenia, efervescência também é um conceito extraído de uma outra disciplina, mais especificamente, a Química e, em certo sentido, da física. No dicionário Houaiss

¹ Agradeço à FAPERGS pelo auxílio à realização da pesquisa cujos resultados ora são apresentados e à CAPES, pela concessão de apoio financeiro à participação neste congresso.

² Professora adjunta do departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS. Diretora do Centro Brasileiro de Estudos Durkheimianos. Contato: weiss.raquel@gmail.com

da língua portuguesa, por exemplo 1. Evolução de um gás borbulhante em um meio líquido, 2. Ato ou efeito de ferver, ebulição. 3. Inquietação do espírito, comoção, excitação.

Evidentemente, o uso feito por Durkheim aproxima-se deste último sentido figurado, e acrescenta a ele algumas outras descrições. Deixando de lado outros textos em que o mesmo conceito aparece, gostaria de listar os diferentes modos com que o autor define o que é efervescência. É importante notar que no presente texto a efervescência só aparece no segundo livro e que não tem o estatuto de uma definição operatória, como no caso de termos como “religião”, mas essa identificação nos ajuda a ter uma ideia de como identificar esse fenômeno. Vejamos.

No Cap. VII do livro II, quando tenta apresentar a origem das crenças – aliás, a efervescência é fundamental no processo de constituição das crenças ou, mais especificamente, de todos os ideais sociais, como veremos ao final – encontramos algumas referências bastante interessantes. Na verdade, ela aparece em contraste com uma situação de ausência de efervescência, caracterizada como tédio, vida opaca, desinteressante e uniforme. Em contrapartida, a efervescência aparece como sendo uma forma de eletricidade, uma excitação, uma forma de interação que leva à exaltação, à amplificação dos sentimentos coletivos, à superexcitação da vida física e mental. Ainda nesse mesmo capítulo, vemos o autor falar de um caráter arrebatador, que faz com que o indivíduo perceba o próprio eu de uma outra maneira, e que provoca uma sensação de arrebatamento. Um pouco antes de concluir o capítulo, o autor afirma que a efervescência é algo que provoca uma espécie de delírio, chegando até mesmo a afirmar que o uso de bebidas intoxicantes seria utilizada para reproduzir ou ampliar o efeito do delírio coletivo experimentado nas situações de efervescência. Sobre o delírio, é bastante interessante destacar que Durkheim o define como “o estado no qual o espírito acrescenta aos dados imediatos uma intuição sensível e projeta os seus sentimentos e impressões nas coisas” e que estaria mais ou menos presente em todas as representações coletivas, ainda que estas não sejam puro delírio, na medida em que expressam o real de algum modo.

Origens

Agora que temos uma noção um pouco mais clara de como o autor caracterizava a efervescência, proponho introduzir algumas distinções importantes, que se referem aos vários tipos possíveis de efervescência, inclusive para ser possível distinguir qual é o tipo que é discutido pelo autor. De maneira bastante genérica, podemos afirmar que há dois grandes tipos de efervescência que podem gerar os efeitos acima descritos pelo autor, e que são a efervescência provocada por experiências individuais ou por experiências coletivas. Embora a efervescência com origem em experiências individuais possam ter um interesse sociológico, não se trata do tipo de efervescência que interessa ao autor, inclusive porque, como já mencionei mais adiante, em muitos casos o uso de substâncias que podem provocar uma sensação de efervescência são tidos como substitutos para o tipo de sentimento, que poderíamos até mesmo chamar de um sentimento inerente à própria natureza humana, que é resultante da efervescência coletiva.

Portanto, a efervescência relevante neste contexto é o que o próprio autor chamou de “efervescência coletiva”, que se refere ao fato de ser uma superexcitação, um afluxo energético, etc. gerado por situações de vida coletiva, ou seja, em situações em que há uma relação de **interação** entre os indivíduos. O que eu gostaria de sublinhar aqui, é que essa relação de interação pode ser apenas física, mas também apenas mental, ou ainda, física e mental. Em suma, a interação é o fato básico na produção da efervescência coletiva, como podemos perceber quando o autor afirma que “a aproximação de um certo número de homens associados numa mesma vida tem por efeito liberar energias novas que transformam cada um deles” [228].

Aliás, gostaria de me deter alguns instantes sobre essa forma de produção de efervescência, que é bastante característica de nossa sociedade atual. De um lado, a teoria durkheimiana ajuda a esclarecer

o impacto exercido por esse tipo de interação “virtual”, na medida em que os indivíduos que participam dessa interação experienciam sensações idênticas ou muito semelhantes às aquelas de quando estamos em situações de interação física, na medida em que há uma efetiva interação mental e emotiva, na medida em que os indivíduos externalizam suas opiniões, que são replicadas por outros indivíduos. De outro lado, a aplicação da teoria durkheimiana a esses fenômenos contemporâneos nos permite perceber um novo tipo de comunidade possível, na qual há laços de solidariedade semelhantes às aqueles que existem em comunidades propriamente físicas, mas com uma característica diferente.

O surgimento das redes sociais, e da internet como um todo, torna possível que indivíduos que antes eram desviantes em suas sociedades, possam encontrar outros indivíduos que possuam a mesma visão de mundo, formando uma comunidade com seus próprios laços de solidariedade e que compartilham ideais comuns, tornados sagrados pelo processo de efervescência engendrado pela interação mental. Assim, esses indivíduos passam a ter a percepção de que sua conduta desviante adquire um caráter moral, na medida em que tem o respaldo de sua comunidade. Isso é algo bom ou ruim, tem um caráter emancipatório ou alienante? É benéfico ou maléfico para a sociedade como um todo?

A resposta a esta questão não é unívoca, afinal, depende muito do caso. Essas comunidades virtuais podem se dar tanto em torno de situações que dão voz a grupos fragilizados da sociedade, como mulheres que sofrem violência doméstica, ou a grupos cujo comportamento pode ter consequências prejudiciais para o conjunto mais amplo dos indivíduos, como no caso, por exemplo, dos grupos neonazistas.

Isso chama a atenção para um aspecto fundamental a respeito da efervescência: ela, em si mesma, é um fenômeno que traz uma sensação de força aos indivíduos que a experienciam, mas suas consequências para a vida coletiva podem ser de diversas naturezas. {S} Isso porque, em suma, a efervescência pode estar atreladas a ideais que são “normais”, isto é, que estão inscritos na lógica fundamental de uma dada sociedade, enquanto outros são “patológicos”, ou sejam, ameaçam a vida coletiva como um todo.

Neste ponto, vemos que o tema da efervescência adquire uma importância particular: a efervescência é o que está na base do que Durkheim chama de “ideais sociais”, que no contexto da vida moral são considerados como os grandes valores que norteiam a vida dos homens, são ideias a respeito daquilo que consideramos certo e errado, a respeito de que tipo de vida achamos que vale a pena viver, que tipo de sociedade consideramos desejável. E a efervescência é o que empresta a essas ideias um caráter de valor absoluto, incondicionado ou, para usar a expressão de Durkheim, um caráter sagrado. Os ideais, na definição durkheimiana, são ideias sagradas, e seu caráter sagrado advém do fato de que a elas são investidas daquela força, daquela energia que o indivíduo experimentou em situações coletivas. Antes de avançar e apresentar a relação de tudo isso com o mundo contemporâneo, permitam-me uma digressão a respeito da importância da efervescência para a criação dos ideais morais.

A partir da leitura de *As Formas Elementares*, percebemos que a criação dos ideais sociais constitui o fenômeno em que a dimensão emotiva e racional do ser humano atingem seu ápice, em uma forma de dupla articulação social, na medida em que tanto a efervescência quando as ideias são elementos que possuem uma dimensão social. Ora, as ideias são representações, e mesmo as ideias individuais só são possíveis por um processo de acumulação de conhecimento que é apropriada de forma diferente pelos diferentes indivíduos. É o coletivo que se exprime de forma individual. Enquanto isso, a efervescência é o produto de uma interação, trata-se de um fenômeno de natureza coletiva. Mas sua eficácia provém do fato de que ele é experienciado pelo indivíduo, é algo que tem impacto em seu corpo, mesmo quando se trata de uma efervescência mental. E, ainda segundo Durkheim, tudo o que se refere ao universo das sensações tem relação com a dimensão propriamente individual do ser humano. Portanto, nesse caso temos um fenômeno coletivo que extrai sua eficácia precisamente pelo fato de seu

impacto individual. Em suma, a criação dos ideais sociais é um fenômeno social por excelência que, paradoxalmente, extrai sua eficácia, e porque não, seu próprio fundamento, da própria natureza humana.

A efervescência e a vida contemporânea

Agora podemos dar um último passo, tentando reunir todas essas informações para tentarmos compreender qual o papel da efervescência na constituição da sociedade contemporânea. Um dos argumentos do autor é o de que a efervescência pode ser experimentada em intensidades variadas, e que é tanto mais intensa quanto menos frequentes são as situações de interação, fazendo com que o sagrado não seja percebido de uma forma tão intensa. Ora, segundo o autor, as sociedades modernas seriam caracterizadas justamente por uma diminuição na intensidade do sagrado, porque teríamos um convívio social cotidiano mais intenso. Por outro lado, nossa solidariedade já não dependeria mais tanto de haver um sentimento de sagrado muito forte, pois nossa solidariedade estaria baseada mais na interdependência gerada pela divisão do trabalho do que pela similitude de consciências. Ou seja, a solidariedade das sociedades modernas seria aquela de tipo orgânico.

Por outro lado, em vez de uma progressiva diminuição do sagrado, o que vemos é emergir por toda parte novas formas de religiosidade, ou novos tipos de sagrados que congregam corações e mentes em torno de ideais que são compartilhados por seus membros. Vivemos numa época de intenso pluralismo, seja ele religioso *stricto termo*, étnico, político, cultural, etc. Se na sociedade em nível macro temos um mínimo de coesão garantido de forma “orgânica”, temos, no seio dessas macro sociedades, inúmeras micro comunidades [tribos, grupos secundários, etc.] que conferem uma identidade particular a seus membros, promovendo um tipo de solidariedade muito semelhante ao da solidariedade orgânica das sociedades tradicionais. Semelhante, mas não igual, na medida em que os indivíduos que a elas aderem vivem num mundo em que é possível aderir a mais de um tipo de comunidade, e sua participação em mais de um tipo de grupo identitário dependerá do quão totalitária for sua adesão ao microgrupo específico.

E por que acontece esse fenômeno? Por que nossa sociedade contemporânea engendrou um novo tipo de vida social, no qual solidariedade orgânica e mecânica parecem coexistir? Acredito que o livro que agora discutimos pode nos ajudar a compreender esse fenômeno.

De certo modo, essas micro comunidades promovem situações de efervescência no interior da mesma macro sociedade, engendrando percepções variadas sobre sagrados diversos. A energia experienciada nessas circunstâncias faz com que a participação em grupos secundários se torne cada vez mais atraente para os indivíduos. Logo, vemos no papel da efervescência uma das explicações possíveis para o pluralismo religioso, para os diversos movimentos de renovação ou mesmo para movimentos não religiosos *stricto sensu*, como movimentos de contestação, de intervenção urbana, de crítica social, etc.

Ainda como parte desse movimento, um fenômeno que pode vir a ocorrer é que tudo o que não faz parte da vida desse grupo passar a ser identificado com o profano, e o que é de dentro com o sagrado, podendo, em alguns casos, gerar uma situação de tensão social. Nas sociedades contemporâneas tem havido uma transformação no papel da efervescência. Ao mesmo tempo que ela pode favorecer a intensificação da vida coletiva nos micro grupo, ela pode fazer com que a vida que se passa na macro sociedade comece a perder importância, diluindo gradativamente o caráter sagrado de valores estruturantes da sociedades contemporâneas, como o respeito à pessoa humana e à liberdade individual. Afinal, são poucos os momentos de efervescência em escala nacional e global, se comparados aos que ocorrem nos micro-grupos.

Em vez de encerrar com um diagnóstico sobre o futuro, ou com uma tomada de posição, gostaria de concluir propondo, a mim, e a vocês, uma reflexão sobre qual valores desejamos e podemos

desejar ter em comum, e o que precisamos fazer para que essa multiplicidade de sagrados possam continuar a existir, sem que a existência de alguns represente uma ameaça ao direito de existir dos sagrados dos demais indivíduos ou grupos. Ou seja, se vivemos em uma sociedade plural, e gostamos de que ela assim o seja, o desafio é pensar as condições de possibilidade de sua continuidade no futuro:

Virá o dia em que nossas sociedades conhecerão de novo momentos de efervescência criadora ao longo das quais novos ideais surgirão, novas fórmulas aparecerão para servir, durante um tempo, de guia à humanidade; e, uma vez vividos esses momentos, os homens sentirão espontaneamente a necessidade de revivê-las de tempos em tempos pelo pensamento, isto é, de conservar sua lembrança por meio de festas que renovem regularmente seus frutos. [Durkheim, 1912]

Não podemos prever quais serão os novos ideais, mas podemos parar para pensar sobre o significado dos ideais que temos agora.